

FERNANDO AMADO

PEÇAS DE TEATRO

Organização de TERESA AMADO e VÍTOR SILVA TAVARES

Prefácio de AUGUSTO SOBRAL



BIBLIOTECA DE AUTORES
PORTUGUESES



QUEM SALVOU O MUNDO?

Depois de alguns anos

PERSONAGENS

- Cavaleiro
- Três
- Turco
- Yusef
- Dama

10

QUEM SALVOU O MUNDO?

- Barba
- João
- Grão
- Vitória
- Elze
- Luzia

- O Imperador
- Pontífice
- O Imperador
- O Imperador
- O Imperador
- 1.º Ministro
- O Imperador
- 2.º Ministro

Além de alguns anos



ACTO I

Um dia de verão em um grande salão nobre. Refeições de
casualidade de uma festa. Toda a família está reunida superficialmente
fresca. De repente, porém, um terremoto divide para um lado
e para o outro para o direito. Então, à esquerda, permanece

MANUEL — Não feques isso. Estás maluco! Então não tens ouvido dizer que os que fogem são julgados e revelados? Éio que diz o Félix (de se não te apresentares até ao dia vinte e três...

XICO — Destasda foi o que disseste há pouco.

MANUEL — Mas aqui está vinte e três! Nas estendo como foi a enganação... (Solistrando.) — Quando posso pela inspecção.

XICO — Despacha-te. Lês muito mal. (Tira-lhe das mãos o papel. Procura ler.) E eu não sinto. Que bruto sou! (Deixa cair a carta, que o Manuel apanha.) Ai, que tristeza secura é um homem ser analfabeto!

MANUEL — O dia dezasseis é respeitante ao Félix. Para ti é o dia vinte e três.

XICO — Pela tua sanção, falo-me claro e directo. Com a existência dumas pessoas não se brincal!

MANUEL — **QUEM SALVOU O MUNDO?** — Não tenho dúvida.

XICO — Nesse caso ainda há tempo pra me apresentares. Ah, Manuel, torras-me a dar a vida! (Abraça-o e levanta-o no ar.) Repara no futuro pagar-te o que por mim fizeste hoje... Olha, quando eu souber ler — ler de verdade, as letras todas, uma por uma, sem reagir com pantufismos... digo-me mais leve que

Escreto na década de 40.

tudo a tremor... como aquelas imagens que se possuem no mundo para criar horror e felicidade... Por mim, juro-te que fiquei curado. Volta a minha condição de Xico Vazquez. Perdi a M... Ainda não sei bem como se há-de ficar a coisa, mas vou dar o dito por não dito... marcha a ré... — Leia-me esta carta, senhor Xico — Não sei ler, Tia Ana, não sei ler, senhor T... Se me quiseres pra ler, tens de agarrar uma caneta... Arranja-me, está claro, a minha amaldiçoada. Estou mesmo a ver, a distância, os terríveis de marcialismo chinês sobre os costados... Deixá-lo. O futuro fica impedido... Abraça-me outra vez, é p4, o desejo-me bom sorte... e, tanto quanto possível, interza das coisas... Faltas as coisas, apesar das aparências, e mais negão e de aldrá... Tãnnegol

do ângulo profundo do quarto, e, em plano anterior, uma porta. Duas portas ao lado direito da cena.

Ao centro, mesa vasta com tampo de vidro. Cadeiras. Sobre um aparador, uma estátua de bronze representa Minerva. Em cima da mesa, uma bandeja, que transborda de cartões de visita; um enorme álbum com fechos de prata; um tinteiro.

Vêem-se ao longo da balaustrada do terraço exterior hasteadas numerosas bandeiras de várias nações.

Em cena, junto à janela, Diana tem a testa colada à vidraça e olha atentamente para fora. Ouve-se, compassado e surdo, um rufar de tambor. Diana é muito jovem, belo perfil, cabelo solto; veste com simplicidade e elegância um traje de Verão com manga curta. Gradualmente o ruído do tambor esmorece.

Do lado oposto entra Frika. O contraste com Diana é evidente: pálida, olhar sem brilho; vestido cinzento abotoado até à gola, de mangas compridas, sapatos rasos de cabedal grosseiro. Percebe-se que está no seu hábito andar sem bulha. Reparou em Diana e não a perde de vista enquanto faz menção de procurar qualquer coisa sobre a mesa. Por último aproxima-se da jovem.

FRIKA — Diana!

DIANA (*sobressalta-se, mas logo sorri, confiada*) — És tu, Frika?

FRIKA — É perigoso o que estás fazendo.

DIANA — Achas que é perigoso olhar?

FRIKA — Ver. E que os outros vejam que se vê.

DIANA — Os outros?

FRIKA — Eu, por exemplo.

DIANA — Tenho confiança em ti.

FRIKA — Fazes mal. Não há razão para que me julgues desse modo.

DIANA — Queres impedir que eu inveje o teu ar calmo, no meio da agitação? Nada te surpreende. Admiro a tua falta de curiosidade.

FRIKA — O que te leva a pensar que não sou curiosa?

DIANA — Tudo.

FRIKA — Tudo é de mais.

DIANA — Desde que abriu o Congresso estamos lado a lado horas a fio. Ainda não me fizeste a mais leve pergunta: nem onde nasci, nem há quanto tempo sou a secretária do presidente Joy...

FRIKA — Há muitos meios de saber sem ser preciso interrogar.

DIANA — Queres que eu acredite que me tens espiado os movimentos?

FRIKA (*murmurando*) — Quero, sim... (*Com afectada indiferença.*) Devias supor que o tenho feito.

DIANA — Admitamos. Nada acharias que valesse a pena.

FRIKA — A coisa mais insignificante às vezes interessa. Depende do ponto de vista.

DIANA — Oh, não me metes medo! (*Com fogo.*) Quando a paz vai ser declarada ao mundo inteiro, não é a ocasião de nos preocuparmos com intrigas. Cuidas que não sinto que vivemos uma hora de festa?

FRIKA — Raciocinas de maneira singular. Quanto maior é o dia, maior deve ser... (*Interrompe-se bruscamente.*)

DIANA — Receias dar-me a tua opinião?

FRIKA — A minha opinião... (*Vago sorriso; súbito, em tom cortante.*) Eu ia lembrar-te um artigo do regulamento, que todos os funcionários, de todos os países, sabem de cor. (*Debita, numa elocução baça e igual.*) Quanto maior o dia, maior a vigilância. Dia de festa não é só de cantos e bandeiras... Mas por que me fitas assim espantada? Nunca deste pela presença do inimigo invisível?

DIANA — Não quero entender-te!

FRIKA — Ou talvez não possas entender-me. Achas que falo de longe?

DIANA — Sim, de muito longe!

FRIKA — Há porventura mais distância entre nós do que entre a Terra e o planeta Marte. (*Baixa a voz; intensa.*) Que idade tenho?... Cala-te! Eras capaz de acertar. És demasiado inteligente.

DIANA — Volta-te. Olha para mim. Desenruga a testa... Apos-
to que não passaste dos trinta.

FRIKA — Bajuladora! E os cabelos brancos?

DIANA — Deixá-lo. Tens ar jovem.

FRIKA — Como é que isso se percebe?

DIANA — Não sei bem. Um homem talvez te pudesse explicar... São mil coisas — que ao mesmo tempo mostram que hás-
-de ter sofrido muito.

FRIKA (*a voz recai no tom impessoal*) — Enganas-te. Estou apenas gasta. Longas horas à sombra, em quartos com lâmpadas acesas, a bater na máquina as frases que nos dita alguém de pé, atrás de nós. O tempo não me sobeja para sofrer — para ter a ideia de que sofro. E ainda menos ter opiniões — e ser curiosa, como tu... (*Transição; inquisidora.*) Chegaste a vê-lo?... quando espreitavas da janela?

DIANA — Sim. Ia no meio duma escolta. Mas não parecia um prisioneiro. Marchava com passo firme, resolutivo.

FRIKA — Está condenado.

DIANA — À morte?

FRIKA — Oh!... (*Reprime-se.*)

DIANA — Por que o matam? Por ele ter saltado o muro da cerca?

FRIKA — Bastava esse motivo. Mas, além disso, foi descoberto o corpo dum guarda que ele apunhalou.

DIANA — É estranho...

FRIKA — Que é que é estranho?

DIANA — Não dava a impressão dum assassino, mas dum herói.